

A GRAMÁTICA NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE USO LINGUÍSTICO E O ENSINO DE PONTUAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Fabrienny Vieira Alves^{1*} (AC – fabrienny.valves7@gmail.com)*, Isabel Medrado dos Santos (AC)
e Anderson Braga do Carmo¹ (PO).

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435,
Conjunto Hélio Leão, CEP: 75862-196, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: O Centro de Descrição e Análise Linguística (CEDAL) é um projeto extensionista proposto pelo curso de Letras da UEG, para estudantes do Ensino Básico da cidade de Quirinópolis, os quais busquem aprimorar os seus conhecimentos em língua portuguesa, a partir de uma abordagem interacionista, contextualizada e emancipadora da gramática, tal como propõe Antunes (2007 e 2014), Possenti (1996), Perini (2006) e Neves e Coneglian (2023). Visto isso, o objetivo desse estudo é o de compartilhar os resultados e as reflexões sobre uma das ações desenvolvidas pelo projeto: a aplicação de um minicurso sobre pontuação para vinte e seis estudantes que cursam o 9º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública da cidade. Para tanto, a partir dos pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica, produziu-se um plano de trabalho docente, o qual foi aplicado para o referido público. Para o desenvolvimento da ação, na primeira parte do minicurso, buscou-se reconhecer o que os estudantes já conheciam sobre o objeto de conhecimento, pontuação, para que então fosse estabelecida as etapas de problematização e instrumentação sobre o conteúdo. Logo, ao final do minicurso, foi possível identificar que o êxito da ação se concretizou pela forma contextualizada de se pensar as prescrições da língua, ao passo que se refletiu sobre o uso da linguagem em seu cotidiano e nas diversas esferas sociais. Com o propósito de fomentar o ensino de gramática de forma crítica e humanizadora, o CEDAL intenta minimizar o preconceito linguístico e a exclusão social, além de auxiliar os estudantes no enfrentamento aos problemas emergentes e às necessidades relacionados à linguagem. Ademais, o projeto incentiva a docência e contribui com a articulação entre teoria e prática, o que é fundamental para se elevar a qualidade da formação inicial de professores e promover a integração entre o Ensino Superior e o Ensino Básico.

Palavras-chave: Sinais de pontuação. Processos de ensino e aprendizagem. Extensão. Pedagogia histórico-crítica. Centro de descrição e análise linguística.

Introdução

Segundo Antunes (2014, p.61), “a prioridade máxima do professor de português é garantir o acesso de todos ao domínio da leitura e da escrita”, logo, para a autora, “a aprendizagem da gramática tem que ser contextualizada, em textos reais, e apoiada pela observação das funções comunicativas que são pretendidas nesses textos” (*Ibidem*). Visto isso, incursionados nesta proposta contextualizada e interacionista de se trabalhar com a gramática, o projeto de extensão “Centro de Descrição e Análise Linguística” da UEG, o CEDAL, objetiva instrumentar os graduandos do curso de Letras para atuarem de forma crítica no Ensino Básico, promovendo reflexões sobre os usos da língua e ampliando o repertório linguístico dos estudantes do Ensino Fundamental.

Nessa direção, o projeto busca, por um lado, realizar momentos de aprofundamento sobre o conteúdo gramatical e o seu ensino, fornecendo aos futuros professores as ferramentas didático-pedagógicas e avaliativas necessárias para planejar, desenvolver e executar aulas dinâmicas e eficazes entrelaçadas à abordagem contextualizada de gramática. Por outro lado, a iniciativa oportuniza vivências práticas e a imersão dos graduandos no espaço escolar, os quais podem realizar o batimento entre os conhecimentos teóricos, advindos da formação universitária, e a prática em sala de aula, compreendendo as necessidades e as dificuldades dos estudantes perante o ensino de língua portuguesa.

Do ponto de vista extensionista, o CEDAL promove o que se denomina interação dialógica, na relação da universidade com a comunidade escolar, com o objetivo de se pensar em ações emancipatórias e humanizadoras no enfrentamento dos problemas emergentes da sociedade, como o baixo índice de leitura dos estudantes e a insegurança na hora da produção textual. Logo, uma das metas do projeto é a de minimizar as dificuldades gramaticais dos alunos, contribuindo com a produção de estratégias efetivas de ensino e com a constituição de um imaginário social complacente para se aprender sobre a linguagem.

Visto isso, apresentaremos no espaço deste texto as reflexões e os resultados da aplicação de um minicurso sobre pontuação, para vinte e seis estudantes de 9º ano, em uma escola pública e estadual da cidade de Quirinópolis, em Goiás. A escolha do tema deve-se ao fato do uso da pontuação, e em especial da vírgula, ser ainda um dos conteúdos de língua portuguesa que causa insegurança nos estudantes, os quais muitas vezes utilizam os sinais de pontuação de forma intuitiva.

Dessa forma, foi construído um plano de trabalho docente (PTD) (Gasparin, 2012) sobre pontuação, tendo como base para a sua produção, aplicação e avaliação, os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica, para a qual se deve trabalhar os objetos de conhecimento de forma contextualizada e evidenciando as dimensões conceituais, científicas, históricas, econômicas, ideológicas, políticas, culturais e educacionais que necessitam ser apreendidas no processo de ensino e aprendizagem (Gasparin, 2012).

No âmbito dos Estudos da Linguagem, embasamo-nos nos estudos de Antunes (2007 e 2014), Possenti (1996), Travaglia (2009), Perini (2006) e Neves e Coneglian (2023), para os quais a linguagem, incluindo a gramática, deve ser trabalhada em

perspectiva interacionista. Desse modo, se “toda língua é uma entidade eminentemente social, partilhada, compartilhada” (Antunes, 2014, p.24), o trabalho pedagógico com a linguagem precisa apresentar finalidades comunicativas específicas, tendo em vista um determinado interlocutor e que seja inserida em contextos reais de uso da linguagem, o que implica o trabalho com o texto.

Considerações Metodológicas

A partir dos objetivos e dos aspectos teórico-metodológicos listados, as ações do CEDAL foram estabelecidas em quatro momentos: 1) organização e instrumentação da equipe executora (envolvendo o coordenador do projeto e graduandos do curso de Letras da UEG); 2) produção do material didático a ser utilizado nos minicursos (no formato de planos de trabalho docente); 3) realização dos minicursos (em escolas públicas da cidade de Quirinópolis); e 4) avaliação dos minicursos e dos resultados atingidos.

Então, a partir da seleção dos integrantes do projeto, foram realizadas reuniões quinzenais para se discutir sobre aspectos fundamentais da ação, como: concepções de gramática, de língua e de linguagem; história da língua portuguesa; análise linguística; planejamento didático-pedagógico; metodologias de ensino; pedagogia histórico-crítica; e vários outros tópicos necessários para a capacitação e formação dos licenciandos. Ademais, foi significativo mostrar que o projeto se efetivaria no âmbito da extensão universitária, o que nos levou a refletir sobre a realidade social em que as ações seriam aplicadas, a escola, com atenção especial para o ensino de língua portuguesa, o qual “muitas vezes difunde a crença de que existe uma maneira ‘certa’ de usar a língua, e que essa é única maneira aceitável” (Perini, 2006, p.21), tratando todas as outras como inaceitáveis e que devem ser evitadas. Visto isso, ao final desta etapa, entendemos que:

Cabe à escola acompanhar o aluno no desenvolvimento de sua capacidade de **linguagem**, como usuário da língua, ao mesmo tempo que cabe à escola acompanhar o aluno no desenvolvimento de sua capacidade de penetrar no **sistema** que governa a sua língua (no nosso caso, à língua portuguesa), o que representa apreender com bom direcionamento as **noções gramaticais** dessa língua. (Moura Neves; Coneglian, 2023, p.16-17 – grifos dos autores).

Dessa maneira, concebemos como “bom direcionamento” das noções gramaticais, o trabalho com a gramática contextualizada, de forma que tais noções sejam no sentido de se analisar a linguagem em suas práticas sociais, ou seja, de forma situada e fazendo do texto o objeto de ensino-aprendizagem (Antunes, 2014, p.110).

Em um segundo momento do projeto, iniciamos o processo de elaboração didática, no qual utilizamos o plano de trabalho docente (Gasparin, 2015), como proposta teórico-metodológica norteadora da constituição do minicurso sobre pontuação. Para tanto, elaboramos uma dinâmica inicial, com o propósito de compreender o que os estudantes já conheciam sobre o objeto de conhecimento da aula. Então, colocamos os estudantes do 9º ano para refletirem sobre as propostas interpretativas que a escolha da pontuação poderia causar no seguinte texto: “Deixo meus bens a minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres”. Portanto, a partir desta ação, foi apresentado aos discentes os tipos, usos e funções de alguns sinais de pontuação, por meio do auxílio de slides. Em seguida, após o período de instrumentação, para se verificar a catarse da aula, foi elaborada uma atividade de interpretação de texto a partir da canção intitulada “Pontuação”, de Kenny Vasconcelos. Em consequente, como última ação do minicurso, foi solicitado que os estudantes avaliassem o trabalho desenvolvido no minicurso e a prática dos ministrantes.

Considerando, portanto, o percurso delineado, na próxima seção do texto apresentaremos os resultados e as reflexões advindas da aplicação do minicurso.

Resultados e Discussão

Como já informado, o minicurso foi aplicado para vinte e seis alunos do 9º ano de uma escola pública e estadual de Quirinópolis, no período matutino. O minicurso foi aplicado em uma hora e quarenta minutos, no horário das aulas de língua portuguesa que estes estudantes já teriam.

Com a primeira atividade trabalhada, como dito anteriormente, teve-se o intuito de introduzir o conteúdo da pontuação, demonstrando as possibilidades de uso da vírgula. Da mesma forma, a atividade também buscava encorajá-los sobre seus

conhecimentos e apresentar-lhes as várias probabilidades interpretativas, mostrando pertinência e motivação para se estudar o conteúdo

Em um primeiro momento, verificamos que muitos estudantes sentiram dificuldade e um sentimento de insegurança ao realizarem a proposta, por receio de colocarem as vírgulas nos lugares errados. Em geral, alguns estudantes conseguiram identificar que a variedade interpretativa dependia do lugar em que as vírgulas eram colocadas.

A partir da correção da atividade, sinalizando as possibilidades interpretativas, discutimos a pertinência funcional de se aprender o conteúdo, reforçando o dinamismo e a complexidade da língua e do uso da pontuação. Então, fizemos valer o que Antunes (2014, p.149), denomina de “*aprendizagem vinculada ao exercício da compreensão de sentidos e intenções*”. Nessa linha, procura-se fazer perceber como os “*itens gramaticais – de qualquer ordem – concorrem para a significação (macro ou microestrutural do texto); que efeitos de sentido provocam; que funções desempenham; por que acontecem e como acontecem; nessa ou naquela posição*” (*ibidem*), mostrando aos estudantes do 9º ano as pretensões comunicativas do tema, e caracterizando a etapa de problematização do nosso plano de trabalho docente.

Após isso, iniciou-se o processo de instrumentação da aula: com o uso de slides e a lousa apresentou-se alguns sinais de pontuação, seus usos, desconstruindo mitos e os estigmas que geralmente são construídos para este objeto de conhecimento. Para tanto, utilizar exemplos efetivos de uso de uma determinada regra na realidade cotidiana dos estudantes fez toda a diferença para que estes se identificassem com as situações e entendessem os usos da pontuação. Nesta etapa do minicurso, notamos que apenas com a explicação das regras, sem os exemplos de texto empregando a pontuação ou as nossas inserções mostrando as possibilidades de uso, não se promoveria interação, nem conheceríamos as dificuldades dos estudantes, que pelas reflexões e exemplos passaram a fazer mais questionamentos sobre os tópicos ensinados.

Caminhando para a parte final da aula, os estudantes ouviram a canção “Pontuação” e passaram a responder as questões de interpretação textual programadas. Desta forma, buscamos trabalhar o conteúdo da aula em articulação às funções comunicativas que são pretendidas no texto (Antunes, 2014) e, então, verificamos que uma das grandes dificuldades do alunado estava exatamente na

interpretação das perguntas, e não necessariamente em relação ao conteúdo gramatical ensinado. Portanto, vimos a pertinência em se desenvolver mais atividades de gramática de forma contextualizada, alinhando esta aos propósitos da leitura e da produção de sentidos de um texto.

De forma geral, os estudantes mostraram-se atentos às explicações e participaram quando convidados a assumirem a palavra, sinalizando ao final da atividade que gostaram do minicurso e da nossa abordagem. No que se refere ao tópico pontuação, as respostas das atividades evidenciaram que os estudantes, mesmo que de forma não unânime, apreenderam a temática. Para quem se inseriu pela primeira vez em sala de aula como professora, os estudantes, de forma unânime, fizeram uma excelente avaliação, dizendo que gostaram da aula e do fato de terem aprendido o conteúdo. Uma crítica construtiva muito valiosa para nós foi que “poderiam ter falado mais alto”, o que será considerado em inserções futuras no espaço escolar.

Para nós, que ministramos a aula, foi de grande aprendizado ter a chance de estar em uma sala de aula com estudantes tão interessados e compreensivos com o fato de também estarmos aprendendo a ensinar. A experiência de estar não mais como estudantes e assumir o posto de professores(as) mostra-nos um valor enorme, já que nos permite verificar o que estabelece o ditado: “aprende-se muito mais quando se ensina”. Logo, ao nos inserirmos na realidade da sala de aula, pudemos realmente entender os desafios de se ensinar língua portuguesa, as necessidades dos estudantes do Ensino Básico e também conhecer quais pontos podem ser alterados em uma próxima aplicação deste minicurso. Portanto, a ação mostrou-se não só pertinente para os propósitos extensionistas do CEDAL, mas também foi edificante para quem ministrou os minicursos.

Considerações Finais

Através desse minicurso sobre pontuação percebeu-se a importância de se levar para a sala de aula os tópicos gramaticais de forma contextualizada, pois, notamos que quando fizemos uma abordagem menos teórica, os estudantes absorveram mais sobre o conteúdo. Também foi possível constatar o trabalho

excelente que a educadora regente tem realizado com a turma, pois os alunos foram educados, participativos e mostraram-se motivados durante todo o minicurso. Ademais, iniciativas como a do CEDAL demonstram o quanto a universidade pode contribuir com a sociedade, estimulando os estudantes do Ensino Básico a avançarem no aprendizado e na constituição de competências e habilidades que carecem de ser estimuladas na escola.

Em síntese, compreendemos que a realização de ações em contexto extensionista, como a que foi realizada, promove ganhos tanto para a escola, quanto para os estudantes universitários, pois oportuniza aos discentes da escola, e de forma simbólica e efetiva, a aprendizagem de conteúdos fundamentais para a sua constituição humana, linguística, leitora, cidadã e nas diversas esferas sociais, tal como propõe a Pedagogia Histórico-Crítica. Por outro lado, a projeto coloca o graduando em contato com as práticas da profissão, no caso da de professor, promovendo o batimento entre teoria e prática e integrando-o ao ambiente escolar, o que fornece aos futuros professores as ferramentas didático-pedagógicas necessárias para planejar, desenvolver e executar aulas dinâmicas e eficazes entrelaçadas à conscientização de se trabalhar com a linguagem por meio de uma abordagem interacionista.

Agradecimentos

Agradecemos à professora Cristiane Paula Silva, aos seus estudantes do 9º ano e à escola onde executamos o minicurso pela recepção e atenção conosco e com o a proposta do CEDAL.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada**: limpando 'o pó das ideias simples'. São Paulo: Parábola, 2014.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

GONÇALVES, Nádia Gaiofatto; QUIMELLI, Gisele Alves de Sá (Orgs.). **Princípios da extensão universitária**. Curitiba: CRV, 2016.



NEVES, Maria Helena de Moura; CONEGLIAN, André V. Lopes. **Laboratório de ensino de gramática**. São Paulo: Contexto, 2023.

PERINI, Mario Alberto. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.